

Domingo XV do Tempo Comum - Ano C – 13 julho 2025



Viver a Palavra

No mais profundo do coração de cada homem e de cada mulher reside um desejo de vida em plenitude, um horizonte de realização e felicidade que tenha sabor de eternidade e nos ofereça a alegria nova que se constrói a partir do amor oferecido e recebido de modo pleno, total e disponível. Por isso, colocamo-nos a caminho com Jesus e queremos descobrir os traços do discípulo que nos farão entrar na nova lógica do Reino.

Jesus, caminhando decididamente para Jerusalém, ensina-nos o modo novo de ser discípulo pela prática concreta da caridade, num amor absolutamente centrado em Deus e universalmente alargado aos irmãos. É urgente aprender a arte de se fazer próximo, promovendo uma verdadeira cultura do encontro.

Estamos no centro do Evangelho de Lucas e contemplamos uma parábola absolutamente decisiva para compreender o nosso ser cristão. No centro da parábola está um homem e um apelo absolutamente decisivo: «amarás». Amarás a Deus e ao próximo, amarás a Deus no próximo e farás a experiência do Deus próximo que em Jesus Cristo se faz Bom Samaritano para curar a humanidade ferida.

Jesus narra esta parábola interpelado por um doutor da lei que se aproxima dele para O experimentar. Porém, para Jesus é indiferente a motivação pela qual este doutor da lei o interroga. Para Ele, o mais importante é não deixar escapar esta oportunidade de acolhimento e encontro.

Como seria bem diferente a nossa ação pastoral, sobretudo diante daqueles que se aproximam de nós procurando qualquer serviço ou favor eclesial, se ao invés de perdermos tempo a pensar sobre a sua intenção, fizéssemos dessa aproximação uma decisiva oportunidade de acolhimento e encontro. Jesus não julga a pergunta daquele homem, mas desafia-o a colocar-se a caminho e a colocar-se em questão. Jesus começa por se fazer próximo daquele doutor da lei, compadece-se dele, liga-lhe as feridas da sua presunção e verte-lhe o vinho de uma nova interpretação do amor e da vida.

É muito curioso o modo como este doutor da lei formula a sua pergunta: «*Mestre, que hei-de fazer para receber como herança a vida eterna?*». Ele não pergunta o que devo saber, mas o que devo fazer e situa a pergunta precisamente na nova lógica do amor que se deve traduzir numa ação concreta: «*faz isso e viverás*». Além disso, ele pergunta o que deve fazer para «*receber*» como herança a vida eterna. Na verdade, a vida eterna, a felicidade que tem sabor de eternidade, não se conquista pelos nossos méritos, mas acolhe-se como dom.

Deste modo, ser discípulo é sentir-se amado de modo único e irrepetível e não permanecer indiferente a esse amor que transforma a nossa vida. É deixar-se fascinar por este modo ternurento de Deus se relacionar connosco e colocar-se a caminho para que ninguém fique esquecido na beira do caminho. O amor a Deus e ao próximo que somos chamados a viver inaugura um novo decálogo. Nos dez verbos encontrados nesta parábola encontramos o caminho a seguir: *viu-o, compadeceu-se, aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitou, colou-o na montada, levou-o, cuidou, pagou* e por fim afirmou: no regresso *pagarei*.

Este é o caminho novo da felicidade que nos permite inaugurar no tempo e na história uma nova fraternidade, onde as dores e sofrimentos do outro não me são alheios, mas reclamam de mim, atenção, compaixão, presença e cuidado. Importa nunca esquecer que na estrada que percorremos de Jerusalém para Jericó, posso ser o sacerdote, o levita, o desvalido do caminho, o samaritano ou até mesmo um dos salteadores. Quem quero ser neste caminho? *in Voz Portuguesa*

+++++

A Liturgia da Palavra deste Domingo aponta uma dimensão fundamental da vida cristã: a caridade. Para os batizados a caridade não é mais uma coisa a fazer, mas o modo como fazem e realizam todas as coisas. O amor cristão vive-se na realidade concreta dos nossos dias, num amor absolutamente centrado em Deus e universalmente alargado aos irmãos. O Evangelho recorda-nos que como cristãos, não podemos viver indiferentes às dores e sofrimentos daqueles que connosco se cruzam na estrada da vida. Deste modo, este

Domingo constitui-se como uma oportunidade para desafiar os fiéis a viverem com os olhos e o coração abertos sobre o mundo e sobre a realidade para responder com generosidade e solicitude. Além disso, a celebração comunitária pode ser uma oportuna ocasião para recordar os diferentes grupos e iniciativas comunitárias de apoio aos mais carenciados da comunidade. *in Voz Portucalense*

+++++

Já no Tempo Comum, continuamos o Ano Litúrgico – Ano C - onde seremos acompanhados pelo evangelista Lucas. Tendo em vista a formação bíblica dos fiéis e a importância do conhecimento da Sagrada Escritura como Palavra que ilumina a vida dos batizados, o contexto do início do Ano Litúrgico pode ser uma oportunidade para um encontro ou até vários encontros, sobre o Evangelista deste ano litúrgico.

Como se diz acima, durante **todo este ano litúrgico – 2024/2025 -, acompanhamos o evangelista Lucas** em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação complementar, poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Lucas.

E faremos isso....

Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficará disponível um texto sobre o evangelista Lucas. Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos – Novo Testamento e Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

LEITURA I - Deuterónimo 30,10-14

Moisés falou ao povo, dizendo:

**«Escutarás a voz do Senhor teu Deus,
cumprindo os seus preceitos e mandamentos
que estão escritos no Livro da Lei,
e converter-te-ás ao Senhor teu Deus
com todo o teu coração e com toda a tua alma.
Este mandamento que hoje te imponho
não está acima das tuas forças nem fora do teu alcance.
Não está no céu, para que precisas de dizer:
'Quem irá por nós subir ao céu,
para no-lo buscar e fazer ouvir,
a fim de o pormos em prática?'.
Não está para além dos mares,
para que precisas de dizer:
'Quem irá por nós transpor os mares,
para no-lo buscar e fazer ouvir,
a fim de o pormos em prática?'.
Esta palavra está perto de ti,
está na tua boca e no teu coração,
para que a possas pôr em prática».**

CONTEXTO

O berço do livro do Deuterónimo costuma ser colocado no Reino do Norte (Israel), alguns anos antes da conquista da Samaria por Sargão II (721 a.C.). Descontentes com a divisão do Povo de Deus (consumada após a morte de Salomão, em 732 a.C.) e com a política religiosa dos reis do Norte, alguns teólogos elaboraram um documento que recordava aos israelitas a Aliança e os compromissos assumidos pelo povo em relação a Deus. Pretendiam, com esse documento, reconduzir o povo à fidelidade ao Deus com o qual Israel se tinha comprometido no Sinai. As linhas fundamentais da teologia deuteronomista, apresentadas nesse escrito, são claras: há um só Deus, que deve ser adorado por todo o povo num único local de culto (Jerusalém); esse Deus amou e elegeu Israel e fez com ele uma Aliança eterna; e o Povo de Deus deve ser um povo único, uma família unida que tem Deus como a sua grande referência.

Pouco antes da queda da Samaria nas mãos de Sargão II, alguns teólogos deuteronomistas abandonaram Israel e procuraram refúgio a sul, no reino de Judá. Trouxeram consigo o livro que tinham elaborado e que resumia a sua visão teológica da Aliança. Em Jerusalém, as propostas religiosas desses teólogos do Norte tiveram um êxito fulgurante; mas, durante os reinados dos ímpios Manassés (687-642 a.C.) e Amon (642-640 a.C.), a teologia deuteronomista tornou-se incómoda e teve de conservar-se escondida.

Foi por volta de 622 a.C., que o livro do Deuterónimo (designado como “livro da Lei, ou “livro da Aliança”) foi descoberto no Templo de Jerusalém (cf. 2 Re 22,3-13). Serviu de motor à grande reforma religiosa promovida por Josias (640-609 a.C.), o rei de Judá que se empenhou em purificar a fé do Povo de Deus.

Literariamente, o livro do Deuterónimo apresenta-se como um conjunto de três discursos de Moisés, pronunciados nas planícies de Moab, pouco antes de o Povo libertado do Egito atravessar o Jordão para tomar

posse da Terra Prometida (cf. Dt 1,6-4,43; 4,44-28,68; 28,69-30,20). Pressentindo a proximidade da morte, Moisés deixa ao Povo uma espécie de “testamento espiritual”: lembra aos hebreus os compromissos assumidos para com Deus e convida-os a renovar a sua Aliança com Javé.

O texto que a liturgia do décimo quinto domingo do tempo comum nos propõe como primeira leitura faz parte do terceiro discurso de Moisés. Os biblistas pensam que esse discurso é, na realidade, uma homilia redigida na fase final do exílio da Babilônia, alertando a comunidade do Povo de Deus para as consequências da fidelidade ou da infidelidade face aos compromissos assumidos para com Deus. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- A reflexão que o teólogo deuteronomista nos apresenta neste texto tem por detrás uma das convicções mais firmes do credo israelita: Deus está, desde sempre e para sempre, empenhado em mostrar ao seu povo os caminhos que o levam em direção à vida em abundância; e, nesse sentido, propõe-lhe uma Lei, um conjunto de indicações que devem balizar o caminho que os crentes vão percorrendo todos os dias. A “Lei” de Deus não é um empecilho, uma maneira de limitar a liberdade ou a autonomia do ser humano; mas é a indicação “interessada” de um Pai cheio de amor, cuja preocupação essencial é ver os seus filhos caminhar rumo a uma felicidade completa. É frequente, nos nossos dias, olharmos para os mandamentos de Deus como expressões de uma moral ultrapassada ou de valores obsoletos, que não correspondem à realidade do nosso tempo, da nossa cultura, da nossa visão do mundo e da vida. Será assim? O caminho que os mandamentos de Deus apontam já não fará sentido? Vemos os mandamentos de Deus como uma forma de Deus nos “controlar” e prender, ou como sinais válidos que indicam como podemos contruir uma vida com sentido?
- A nossa vida de todos os dias decorre no meio de muito ruído, de muita confusão, de uma infinidade de “vozes” divergentes que nos apontam caminhos contraditórios. Por vezes temos dificuldade em distinguir a voz de Deus de outras “vozes” que procuram captar a nossa atenção e tomar conta da nossa vida. Convém estarmos atentos: nem todas as “vozes” que soam à nossa volta, às vezes numa gritaria estridente e manipuladora, estão interessadas em apontar-nos caminhos com sentido; nem todas as indicações que nos são dadas têm como objetivo a nossa plena realização. Quais são as “vozes” que escutamos e que seguimos? Em que medida elas contribuem para definir o sentido essencial da nossa existência?
- O teólogo deuteronomista, pedindo emprestada a voz de Moisés, convida o povo a “converter-se” ao Senhor “com todo o coração e com toda a alma”. “Converter-se” é regressar ao encontro de Deus, dispor-se a escutar novamente as indicações de Deus, refazer a própria existência de forma a que Deus volte a ocupar o primeiro lugar nas prioridades e interesses do homem. É fácil, no meio de tantas preocupações e de tantas solicitações, perdermos o rumo e começarmos a caminhar por caminhos que não nos levam a lado nenhum. De vez em quando precisamos de parar e de repensar o sentido da nossa existência. “Converter-se” é ter a possibilidade de refazer a vida, de a encarregar na direção certa, de lhe dar um sentido pleno. Estamos disponíveis para essa “conversão”, mesmo que ela implique abandonarmos a nossa acomodação, a nossa segurança, as nossas velhas apostas já consolidadas?
- Quando o crente escuta e acolhe as indicações de Deus, a Lei de Deus passa a residir no seu coração. Os pensamentos e as ações do homem passam a ser orientados pela Lei de Deus. O teólogo deuteronomista está plenamente convencido disso. Sendo assim, aquele que procura sinceramente o caminho que conduz à verdade e à vida plena, deve interrogar o seu coração. É lá que Deus lhe fala e lhe indica as opções corretas, os valores verdadeiros, as atitudes que fazem sentido. Quando nos confrontamos com aquilo que está no mais íntimo de nós mesmos, caem as nossas pequenas e grandes mentiras, as nossas inverdades, os nossos preconceitos, os nossos egoísmos, os nossos interesses rasteiros; ficamos apenas diante da verdade que Deus inscreveu na nossa consciência e na nossa alma. Procuramos escutar essa verdade, mesmo quando ela se apresenta como incômoda para os nossos interesses e projetos pessoais? Estamos decididos, para nos tornarmos melhores pessoas, a escutar o que Deus nos diz no coração? *in Dehonianos*.

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 68 (69)

Refrão: Procurai, pobres, o Senhor e encontrareis a vida.

**A Vós, Senhor, elevo a minha súplica,
pela vossa imensa bondade respondi-me.
Ouvi-me, Senhor, pela bondade da vossa graça,
voltai-Vos para mim pela vossa grande misericórdia.**

Eu sou pobre e miserável:
defendei-me com a vossa proteção.
Louvarei com cânticos o nome de Deus
e em ação de graças O glorificarei.
Vós, humildes, olhai e alegrai-vos,
buscai o Senhor e o vosso coração se reanimará.
O Senhor ouve os pobres
e não despreza os cativos.
Deus protegerá Sião,
reconstruirá as cidades de Judá.
Os seus servos a receberão em herança
e nela hão de morar os que amam o seu nome.

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 18B,8-11

(em alternativa ao anterior)

Refrão: Os preceitos do Senhor alegram o coração.

A lei do Senhor é perfeita,
ela reconforta a alma.
As ordens do Senhor são firmes
e dão sabedoria aos simples.
Os preceitos do Senhor são retos
e alegram o coração.
Os mandamentos do Senhor são claros
e iluminam os olhos.
O temor do Senhor é puro
e permanece eternamente.
Os juízos do Senhor são verdadeiros,
todos eles são retos.
São mais preciosos que o ouro,
o ouro mais fino;
são mais doces que o mel,
o puro mel dos favos.

LEITURA II – Colossenses 1,15-20

Cristo Jesus é a imagem de Deus invisível,
o Primogénito de toda a criatura;
porque n'Ele foram criadas todas as coisas
no céu e na terra, visíveis e invisíveis,
Tronos e Dominações, Principados e Potestades:
por Ele e para Ele tudo foi criado.
Ele é anterior a todas as coisas
e n'Ele tudo subsiste.
Ele é a cabeça da Igreja, que é o seu corpo.
Ele é o Princípio, o Primogénito de entre os mortos;
em tudo Ele tem o primeiro lugar.
Aproveu a Deus que n'Ele residisse toda a plenitude
e por Ele fossem reconciliadas consigo todas as coisas,
estabelecendo a paz, pelo sangue da sua cruz,
com todas as criaturas na terra e nos céus.

CONTEXTO

Colossos era uma cidade da Frígia (Ásia Menor), situada a cerca de 180 quilómetros a Este de Éfeso, no vale do rio Lico. Tinha sido, em tempos mais recuados, uma cidade rica e populosa; mas, no tempo de Paulo, tinha perdido a sua antiga importância e estava reduzida a uma pequena povoação.

A comunidade cristã dessa cidade não foi fundada por Paulo, mas por Epafras, discípulo de Paulo e colossense de origem (cf. Cl 4,12). A maior parte dos membros da comunidade eram de origem pagã; mas havia também alguns de origem judaica.

A carta aos Colossenses terá sido escrita numa altura em que Paulo estava na prisão (provavelmente em Roma). Estaríamos entre os anos 61 e 63. Epafras visitou Paulo e levou-lhe notícias pouco satisfatórias sobre a

comunidade cristã de Colossos. Alguns “doutores” locais (talvez membros de um movimento de índole sincretista, que misturava cristianismo com elementos de religiões místicas em voga no mundo helenista) propunham aos Colossenses um sistema religioso que incluía, além do Evangelho de Jesus, práticas ascéticas rigorosas, prescrições sobre os alimentos (cf. Cl 2,16.21), doutrinas especulativas sobre os anjos (cf. Cl 2,18), celebrações que não faziam parte do universo cristão (cf. Cl 2,16). Na opinião desses “doutores”, tudo isto devia comunicar aos crentes um conhecimento superior dos mistérios e uma maior perfeição. Paulo desmonta toda esta confusão doutrinal e afirma que nenhum destes elementos tem qualquer importância para a salvação: Cristo basta.

O texto que hoje nos é proposto é um hino de duas estrofes, que provavelmente Paulo tomou da liturgia cristã primitiva, mas que está perfeitamente integrado no conteúdo geral da carta. Este hino cristão de inspiração sapiencial celebra a grandeza universal de Cristo. *in Dehonianos*.

INTERPELAÇÕES

- Existem questões decisivas que, mais tarde ou mais cedo, se nos colocam: como dar significado pleno à nossa existência? Como construir uma vida que valha a pena? Por que caminhos devemos andar, na viagem da vida, para não ficarmos atolados em becos sem saída? O que é que é essencial e o que é que é secundário, quando se trata de definir o eixo fundamental da nossa existência? Os cristãos de Colossos também se debatiam com estas questões; e, na sua ânsia de encontrar respostas, abriam portas a doutrinas estranhas e a propostas incompatíveis com o Evangelho de Jesus. Hoje, em pleno séc. XXI, numa altura em que vivemos “em rede” e somos confrontados a cada instante com mil e uma propostas e sugestões, esta questão adquire uma particular relevância. Confundidos e baralhados por tanta informação, tornamo-nos permeáveis a propostas mais ou menos excêntricas, mais ou menos esotéricas, mais ou menos ecléticas, por vezes pouco condizentes com a pureza e a autenticidade da proposta cristã. Por outro lado, muitos cristãos continuam a colocar a sua esperança de realização em “poderes”, em figuras, em superstições, em instituições, em rituais “mágicos”, que não libertam e que não ajudam a encontrar caminhos de plena realização. Como nos situamos face a isto? Procuramos definir claramente, em coerência com a nossa fé, o caminho que devemos seguir?
- Paulo lembra aos cristãos de Colossos (e aos cristãos de todos os tempos e lugares) que só Cristo é capaz de lhes fornecer as pistas certas para que possam construir vidas repletas de sentido. Rosto visível de Deus no mundo, Palavra eterna do Pai, “primogénito” de todos os homens, “cabeça” da Igreja, “Caminho, Verdade e Vida”, Cristo é o eixo à volta do qual podemos construir e articular toda a nossa existência. Cristo está bem vivo nas nossas comunidades cristãs? Ele é o centro à volta do qual se organiza e estrutura toda a vida da Igreja? Cristo é a referência fundamental à volta da qual construímos as nossas vidas? As palavras e os gestos de Jesus são “verdades” que dão forma às nossas opções e que procuramos concretizar no nosso dia a dia? *in Dehonianos*

EVANGELHO – Lucas 10,25-37

**Naquele tempo,
levantou-se um doutor da lei
e perguntou a Jesus para O experimentar:
«Mestre,
que hei de fazer para receber como herança a vida eterna?»
Jesus disse-lhe:
«Que está escrito na lei? Como lês tu?»
Ele respondeu:
«Amarás o Senhor teu Deus
com todo o teu coração e com toda a tua alma,
com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento;
e ao próximo como a ti mesmo».
Disse-lhe Jesus:
«Respondeste bem. Faz isso e viverás».
Mas ele, querendo justificar-se, perguntou a Jesus:
«E quem é o meu próximo?»
Jesus, tomando a palavra, disse:
«Um homem descia de Jerusalém para Jericó
e caiu nas mãos dos salteadores.
Roubaram-lhe tudo o que levava, espancaram-no
e foram-se embora, deixando-o meio morto.
Por coincidência, descia pelo mesmo caminho um sacerdote;
viu-o e passou adiante.**

Do mesmo modo, um levita que vinha por aquele lugar,
viu-o e passou adiante.
Mas um samaritano, que ia de viagem,
passou junto dele e, ao vê-lo, encheu-se de compaixão.
Aproximou-se, ligou-lhe as feridas deitando azeite e vinho,
colocou-o sobre a sua própria montada,
levou-o para uma estalagem e cuidou dele.
No dia seguinte, tirou duas moedas,
deu-as ao estalajadeiro e disse:
‘Trata bem dele; e o que gastares a mais
eu to pagarei quando voltar’.
Qual destes três te parece ter sido o próximo
daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?»
O doutor da lei respondeu:
«O que teve compaixão dele».
Disse-lhe Jesus:
«Então vai e faz o mesmo».

CONTEXTO

Jesus e os discípulos caminham para Jerusalém. Ao longo desse percurso, mais espiritual do que geográfico, Jesus prepara os discípulos para serem, pelos tempos fora, testemunhas e arautos do Reino de Deus. A “parábola do bom samaritano” deve ser enquadrada neste contexto “pedagógico”.

O interlocutor de Jesus, nesta cena, é um “doutor da Lei”. Lucas sugere que, ao interrogar Jesus, esse “doutor da Lei” não é movido por boas intenções: pretendia experimentá-lo, talvez arrancar-lhe alguma afirmação polémica, ou apanhá-lo nalguma contradição.

A figura central da parábola que Jesus vai contar é um samaritano. Para percebermos o alcance real da parábola, convém também ter presente o quadro da relação entre judeus e samaritanos. Trata-se de dois grupos que as vicissitudes históricas tinham separado e cujas relações eram, no tempo de Jesus, bastante conflituosas. Em 932 a.C., as tribos do povo de Deus instaladas no norte e centro da Palestina recusaram-se a aceitar como rei Roboão, filho de Salomão, e separaram-se da dinastia davídica. Constituíram um reino (Israel) que, durante algum tempo viveu em conflito com as tribos do sul (Judá). Mais tarde, após um longo período de instabilidade política, o reino de Israel foi derrotado pelos assírios: em 721 a.C., a Samaria caiu nas mãos dos invasores e uma parte da sua população foi deportada para a Assíria. O reino de Israel, enquanto entidade política, deixou de existir.

Na Samaria instalaram-se, então, colonos assírios que se misturaram com a população local. Para os judeus, os habitantes da Samaria começaram, então, a paganizar-se (cf. 2 Re 17,29-41): viam-nos como gente contaminada com sangue estrangeiro, que vivia completamente à margem da fé javista. A relação entre as duas comunidades deteriorou-se ainda mais quando, após o regresso do exílio, os judeus recusaram a ajuda dos samaritanos (cf. Esd 4,1-5) para a reconstrução do templo de Jerusalém (ano 437) e denunciaram os casamentos mistos. Os samaritanos, em resposta, procuraram por todos os meios dificultar a reconstrução da cidade de Jerusalém pelos judeus retornados da Babilónia (cf. Ne 3,33-4,17). Por volta de 333 a.C., os samaritanos construíram um templo no monte Garizim. Os judeus consideraram essa construção um desvio intolerável da fé javista. Mais tarde, no ano 128 a.C., as tropas de João Hircano destruíram o templo do Monte Garizim; no entanto, o lugar continuou a ser um local de culto para os samaritanos. As picardias entre os dois grupos continuaram: a mais famosa aconteceu no ano 19 d.C., quando os samaritanos profanaram o templo de Jerusalém espalhando ossos humanos sobre o altar. Este ato causou revolta e uma profunda indignação entre os judeus. Na época de Jesus, as orações na sinagoga incluíam quase sempre uma maldição contra os samaritanos. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- Há perguntas que fazemos e que resultam do desejo indiscreto de nos metermos na vida dos outros. Há perguntas que colocamos e que se destinam apenas a satisfazer a nossa curiosidade mórbida. Há perguntas que nos inquietam e que correspondem à nossa legítima sede de saber, mas que não afetam o sentido geral da nossa vida. Mas há perguntas absolutamente decisivas, que determinam a forma como vivemos e como nos situamos no mundo. A pergunta que o mestre da Lei do relato evangélico faz a Jesus pertence à categoria das perguntas fundamentais, que nos ajudam a determinar o sentido da nossa existência: que hei de fazer para receber como herança a vida eterna? Ou: como devo viver para que a minha vida não fracasse e eu tenha acesso à vida verdadeira? Para um crente, há uma resposta óbvia (tão óbvia que o tal mestre da Lei não tem qualquer dificuldade em encontrá-la): “faz de Deus o centro da tua vida, ama-O e ama também os teus irmãos”. Notemos, no entanto, que não basta saber responder acertadamente a esta pergunta. Jesus diz ao mestre da

Lei: “faz isso e viverás”. É preciso “fazer”; é preciso escutar Deus e viver de acordo com as suas indicações; é preciso acolher os projetos de Deus e viver em comunhão com Ele; é preciso ver em cada “próximo” um irmão ou uma irmã de quem devemos cuidar e a quem devemos amar. Quem vive pondo em prática estas indicações dá sentido pleno à sua existência e encontra a vida eterna. Estamos também nós interessados na vida eterna? Estamos dispostos a construir desta forma a nossa existência?

- O mestre da Lei que interpelou Jesus não sabia bem identificar esse “próximo” que deveria amar como a si mesmo. Seriam os membros do seu Povo, ou os da sua classe social? Seriam aqueles por quem tinha alguma simpatia, ou os amigos que com ele se sentavam à mesa? Jesus ofereceu-lhe uma resposta muito simples, que não contempla barreiras ou limites de qualquer espécie: aproxima-te de todo aquele que necessita da tua ajuda, da tua solicitude, do teu amor; detém-te junto daquele que a vida magoou, daquele que encontras na estrada da vida caído, abandonado, carente, com dores, com fome, com sede; cuida daquele que precisa de ti, mesmo que ele seja maçador, conte sempre as mesmas histórias insuportáveis, seja desagradável ou antipático, nunca concorde contigo, tenha valores diferentes dos teus, tenha comportamentos que consideras incorretos... Como é que vivemos isto? Procuramos “aproximar-nos” de todos aqueles que precisam do nosso cuidado e do nosso amor?
- Na parábola que contou, Jesus põe duas pessoas com responsabilidades na estrutura religiosa judaica (um sacerdote e um levita) a ignorarem o homem ferido caído na berma da estrada. A escolha destes dois personagens para descrever uma atitude de indiferença face ao sofrimento de um homem não acontece por acaso. Jesus conhecia bem o culto que se praticava no Templo de Jerusalém; e, como os antigos profetas de Israel, sentia que era sua missão denunciar esse culto feito de gestos vazios, de rituais estéreis, de formalismos sem conteúdo, de celebrações majestosas, mas inconsequentes. Ele sentia que uma religião que não levava a um compromisso com a construção de um mundo mais humano e mais fraterno, era uma religião que não servia para nada. Deus não estava interessado num sistema religioso que olhava com indiferença para o sofrimento dos pobres, dos infelizes, daqueles que eram abandonados na estrada da vida. Para que serve uma religião se não é capaz de gerar sentimentos e atitudes de compaixão para com o ser humano que sofre? A religião que vivemos e praticamos é a religião dos ritos e das manifestações piedosas, ou é a religião do amor e da compaixão?
- Nas atitudes daquele “bom samaritano” a Igreja de todos os tempos (a comunidade dos que caminham ao encontro da salvação, da vida plena) reconhece o programa que Jesus lhe pediu que concretizasse: cuidar, tratar, curar todos os homens e mulheres que a vida maltrata ou que a sociedade rejeita e que se encontram caídos nas bermas da estrada que a humanidade percorre. A nossa comunidade cristã revê-se nesta missão? A Igreja de Jesus esforça-se realmente por ser um “hospital de campanha” onde são acolhidos e tratados os “feridos” que a marcha inexorável da história vai deixando para trás? Os homens e mulheres que a vida magoou encontram lugar à mesa da nossa comunidade paroquial ou religiosa, mesmo que tenham histórias de vida que não estão exatamente de acordo com as leis canónicas? *in Dehonianos*.

Para os leitores:

A **primeira leitura** é constituída pelo discurso de Moisés ao povo, exortando-os a escutar a voz de Deus e a colocar em prática os seus desafios. Deste modo, a proclamação desta leitura deve ter presente este tom exortativo e exige uma particular atenção às duas interrogações que são introduzidas pela expressão: «*para que precisas de dizer*».

A **segunda leitura** é um hino cristológico, provavelmente tomado por Paulo da liturgia das primeiras comunidades cristãs. Este texto não apresenta nenhuma dificuldade aparente, mas é necessária uma cuidada preparação das pausas e respirações sobretudo nas frases mais longas que possuem diversas orações.

I Leitura: (ver anexo)

II Leitura: (ver anexo)